

ENCANTAMENTOS E DESENCANTAMENTOS COM A AMÉRICA: OS ESTADOS UNIDOS EM ESCRITAS DE ANÍSIO TEIXEIRA

Mirian Jorge Warde*

Resumo

Em escritos diversos, Teixeira registrou que o seu encontro com os Estados Unidos, e especialmente com as idéias pedagógicas e sociais de John Dewey, representaram um corte com sua forma anterior de encarar a vida e de pensar a solução para os problemas sociais e educacionais. Este artigo focaliza escritos de Anísio Teixeira datados dos anos vinte, trinta e sessenta, que expressam suas visões idílicas e desencantadas dos Estados Unidos. Naquele movimento de encantamentos e desencantamentos, Anísio Teixeira usou estratégias de associação e dissociação do pensamento social e educacional de John Dewey do seu país de origem.

Palavras-chave

Anísio teixeira; Pedagogia de John Dewey; Educação; Liberdade e Cultura; Democracia; Liberalismo.

Abstract

Anísio Teixeira recorded, in several writings, that his encounter with the United States, and especially with John Dewey's pedagogical and social ideas, represented a definite break with his previous way of understanding life and thinking about social and educational problems. This article focuses on writings of Anísio Teixeira, dated of the twenties, the thirties, and the sixties, which express his idyllic and disenchanted views of the United States. Inside that movement of enchantments and disenchantments, Anísio Teixeira uses strategies of association and disassociation John Dewey's social and educational thought from his native country.

Key-words

Anísio Teixeira; John Dewey's pedagogical; Education; Freedom and Culture; Democracy; Liberalism.

Anísio Teixeira (1900-1971) é considerado, no Brasil, o maior representante do pensamento deweyano e o seu mais sistemático divulgador.

Desde as décadas dos anos vinte e trinta do século XX, Teixeira empenhou-se em inscrever o nome de John Dewey como referência necessária aos renovadores da educação, destacadamente, aos partícipes do movimento que se autodenominava “escola nova”, e cuidou de colocar em circulação suas obras, por meio de traduções para o português, no mais das vezes realizadas por ele mesmo.

Em escritos diversos, Teixeira registrou que, naquelas décadas, o seu encontro com a cultura e a educação norte-americanas, especialmente com as idéias pedagógicas e sociais de John Dewey, representaram um corte definitivo em sua forma anterior de encarar a vida e de pensar a solução para os problemas sociais e educacionais. Havia representado, mesmo, a superação de uma profunda crise espiritual.

Os escritos de Teixeira daquela época indicam seu empenho em evidenciar que o encontro com os Estados Unidos preencheu positivamente a lacuna deixada pela Europa, que o decepcionava quanto aos seus rumos sociais e, o que ele considerava ainda pior, quanto às orientações do pensamento filosófico, destacadamente o católico.

Durante as décadas dos anos quarenta e cinquenta, Anísio Teixeira sustentou as mesmas teses quanto à íntima associação entre os padrões culturais e educacionais norte-americanos e o pensamento social e educacional de John Dewey. Nos anos sessenta, entretanto, motivos diversos conduziram Teixeira a se tornar pessimista quanto aos novos rumos da sociedade e da cultura norte-americanas, ao passo que sedimentava a sua crença em Dewey.

Para este artigo, foram explorados, especialmente cartas, diários, apontamentos pessoais e outros materiais de Anísio Teixeira, que Foucault chamaria de “escritas de si”, ou seja, escritas que compõem “as artes de si mesmo” que remetem às práticas de si e o governo de si e dos outros. A intenção é buscar nessas escritas de Teixeira tanto “a narrativa de si mesmo” – como ele se mostra, dá-se a ver, faz aparecer o seu rosto ao outro – como os seus exercícios de “constituição de si”. Diz Foucault, “nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional podem adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver, a tekne tou biou, sem uma askesis, que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo” (Foucault, 1992)**.

O encontro com o profeta e o seu reino

Anísio Teixeira era Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia quando empreendeu, em 1927, sua primeira viagem aos Estados Unidos, para estudar e observar as experiências educacionais renovadoras que lá se davam.¹ À época, pouco sabia da cultura

e da educação norte-americanas; o trabalho mais significativo que lera sobre o assunto, e que segundo seu próprio depoimento, muito o impressionara, havia sido escrito por um belga.² Com algumas significativas, mas raras exceções, os intelectuais e dirigentes educacionais com os quais mantinha contato eram, como ele, marcados por formação européia e católica.

Teixeira decidiu viajar, pela primeira vez, sozinho; preparou-se “para visitar o país americano” com a leitura do livro de Henry Ford, *My Life and Work*.³

Os sentimentos que o livro lhe provocara foram intensos:

Em campos diversos – na vida espiritual, um; na vida industrial, outro; – dois livros deram-me a sensação de plenitude, de profundo acordo, de inexistência de dúvida – Os exercícios espirituais de Ignácio de Loyola; *My Life and Work* de Henry Ford.⁴

Nas duas obras encontrou “esse realismo essencial, indestrutível que define a verdade e lhe dá essa força de golpe, de arremesso, com que tais livros nos a comunicam”.⁵

A comparação do livro de Ford com o de Loyola é sintomática; embora se declarasse decepcionado com o seu velho molde mental e, por isso, estivesse existencialmente empenhado em encontrar um novo modo de enfrentar os problemas sociais e individuais, Teixeira moldava suas representações sobre a sociedade, a educação e a filosofia pragmatista norte-americanas por oposição às suas representações da sociedade, da educação e da cultura européia católica. Daí que as operações mentais que efetuava para se apropriar do novo implicavam sempre submetê-lo ao antigo referente.

Apesar daquela comparação, Teixeira registrou que livro algum havia lhe provocado tão profunda e positiva impressão de otimismo e confiança quanto aquele de Ford. Nele, não há espaço para “as fraseologias, o sentimentalismo, as hesitações”. Tudo é tão unido e nítido, que a obra de Ford lhe faz lembrar aqueles tratados definitivos sobre certos assuntos que fazem jorrar “luz e verdade incontestáveis”; “daqueles que sempre se há de apoiar a razão humana”.⁶ A pedra angular de Ford era “a indústria, compreendida como serviço, como serva do bem estar coletivo (...) Como estamos longe dos ideologismos filosóficos ou socialistas”.⁷

Antes de tecer os comentários ao livro de Ford, Teixeira já havia anunciado que sua viagem aos Estados Unidos era movida por um certo sentido de busca espiritual, religiosa. Como se repetisse a peregrinação que fizera ao Vaticano, de 1925, antecedida da leitura da bíblia. Mas, em Ford, parece ter encontrado de maneira mais direta, menos sofrida, o sentido de utilidade que pode ser aplicado às coisas “com mais inteligência, mais cérebro”.

Parece que Ford lhe oferecia um entendimento mais honesto e direto para as fraque-

zas humanas, canalizando-as em sentido positivo:

Os eternos motivos do egoísmo humano são conservados; não há uma fé idiota na perfeição humana – há clarividência para lhe dizer: façamos assim – e o operário terá maior salário, o capitalista mais lucro, o público melhor serviço – e todos seremos mais felizes.⁸

O entendimento de Anísio Teixeira sobre Henry Ford aponta em dupla direção: de um lado, ele o contrapõe à religião católica, que exige do homem tantos sacrifícios para que o prêmio não possa ser usufruído senão depois da morte. Ford seria a mais completa expressão da religiosidade terrena, material, palpável.

Existe em Ford muito dessa confiança evangélica de que há lugar para todos no mundo. Cada um cumpra o seu dever e a todos será dado cem por um.

[...]

Sem falar ele de Deus, toda a sua obra respira o Seu espírito, tanto está impregnada de ordem, de desprendimento, de humildade, de subordinação do homem a qualquer coisa maior do que ele.

Longe da divinização do homem, em nenhuma obra está ele mais subordinado, mais ligado, mais no seu lugar. E essas idéias estão comprovadas pelo mais estupendo triunfo material que já se há visto.

Para mim não precisava maior prova da grandeza da obra de Ford: é simples. Não há complicação, como no evangelho também não há ...⁹

De outro lado, Teixeira encontra em Ford o antídoto para a revolução, para as reviravoltas sociais que ele aprendera a rejeitar, quer em seu ambiente político, quer entre os padres jesuítas. A pedra angular, mais uma vez, é a indústria. Por meio dela, crê Teixeira, os homens estariam

[...] às vésperas da supressão da miséria [...], de um sólido bem estar coletivo, se os homens abrirem os olhos aos exemplos da obra de Ford; [...] porque será pela indústria que obteremos a nossa salvação material, a indústria só agora se acha em condições de suportar os processos de Ford.¹⁰

Teixeira prevê oposições aos métodos fordistas, por ignorância e estupidez, mas essas também seriam rendidas pela lucidez do homem moderno. E o que é melhor: “sem revoluções. Sem sobressaltos. Sem reviravoltas. Dentro do atual regime e da atual ordem das coisas. Com continuidade, com progresso, com desenvolvimento”¹¹

Aí estava, para ele, o segredo da verdade fordiana: nós não progredimos por saltos. E não há salto na obra de Ford. Não há mudança de atmosfera. A sua obra respira o nosso

ar. Não há destruições: há aproveitamento; há ordem; há clarividência.¹²

Teixeira encerra seus comentários em estado de graça: “Por isto não terminei a leitura do livro admirável sem que ela me não obrigasse ao mais vasto, mais confiante e mais generoso ato de fé na vontade e na obra humana que já foi feito.”¹³

O encontro com o fordismo objetivou para Teixeira uma forma de vida na qual a religião podia ser secularizada por meio dos investimentos das energias na produção de “bens comuns”. O encontro com a concepção de indústria de Ford – que é muito mais do que a fábrica, porque implica a organização e o controle de toda a vida social e individual por meios racionalizados – cimentou a sua adesão ao “americanismo” como uma revolução dos costumes, um novo ciclo civilizatório, que estava moldando novas formas de pensar, sentir e viver, tornando-se parâmetro de progresso, felicidade, bem-estar e democracia; que estava plantando nos corações e nas mentes a silhueta do “homem novo” – racional, administrado e industrioso.¹⁴

Dos quatro meses em que estagiou nos Estados Unidos, Anísio Teixeira confessou ter voltado apaziguado das suas crises espirituais. Retornava convertido a uma nova fé; aquela fé que não mais encontrava guarida em uma teologia particular; tinha, agora, onde se firmar: na luta pela causa educacional. Assim, a educação o teria poupado de desencantar-se do mundo, o que tanto temia; Teixeira se agarrou à causa educacional, conferindo a ela um sentido salvífico universal.

Na viagem, fora especialmente afetado pelas informações em torno da importância da filosofia de John Dewey sobre os princípios e os métodos modernos de ensino adotados pelas escolas, e, mais do que isso, para a construção de uma pedagogia renovadora. Quando retornou ao Brasil, deixou registrado que “John Dewey é, na América, o filósofo que mais agudamente traçou as teorias fundamentais da educação americana. A nenhum outro pensador é dado ali um lugar tão saliente na sistematização da teoria moderna da educação”.¹⁵

Mesmo antes de torná-lo disponível em português, Anísio Teixeira incluiu John Dewey nos debates em torno das reformas educacionais, em 1928, mediante o relatório de visita aos Estados Unidos, que, embora tenha sido encaminhado diretamente ao governador do estado da Bahia, parece ter sido moldado para uma ampla divulgação. Sob o título “Aspectos Americanos de Educação”, Teixeira dedica uma parte ao relato do que observara nas escolas visitadas e uma outra, inteiramente, à apresentação dos “fundamentos da educação”, na qual faz um resumo “tão fiel quanto possível das idéias com as quais John Dewey fixa o atual sentido da educação”.¹⁶

A sua “conversão a um novo credo”, como ele mesmo se referia a sua adesão à fi-

losofia deweyana, foi tão decisiva que Teixeira decidiu afastar-se da Diretoria Geral da Instrução Pública da Bahia para permanecer por um ano em estudos no Teachers College da Universidade de Columbia, perto de John Dewey, retorno que já havia sido acertado com a direção do Instituto Internacional daquele College.

Entre os professores a que Anísio Teixeira assistiu no Teachers College no período letivo de 1928-1929, destacam-se William Kilpatrick e George Counts. Para seu azar, não conseguiu assistir a nenhum curso de John Dewey e nem com ele se encontrar; Dewey se ausentara da Universidade de Columbia naquele período, devido a uma longa viagem internacional na qual regressou à Turquia, à China, visitou a URSS e o México. Foi com Kilpatrick e Counts que Teixeira adquiriu as ferramentas de leitura do pragmatismo deweyano, quer para seu uso, quer para colocá-lo em circulação.¹⁷

Teixeira registrou em um caderno de apontamentos de aula que, por cima de todas as mazelas, havia nos Estados Unidos a educação que pairava sobranceira sobre a “loucura pelo dólar, pela grandeza material” e que não se esquecia dos “valores espirituais da vida”. Em outra página, anotou: “A América está reinterpretando a vida”, fazendo da “educação uma religião”... “pelo espírito científico, pelo pragmatismo...”¹⁸

Entre 1928 e 1929, os Estados Unidos estavam sob os efeitos perversos da depressão econômica, mas Teixeira não deixou registros das suas impressões sobre o quadro social que assistira. É provável que o credo deweyano ao qual aderira como a fé de cristão recém-convertido tenha funcionado como filtro atenuador da gravidade dos problemas sociais observados.

Teixeira retornou ao Brasil em 1929, com o título de Master of Arts, plenamente convencido do pragmatismo de Dewey. A rapidez com que havia se convertido ao novo credo, aparentemente, não se deveu à frugalidade de sua pregressa formação jesuíta; Teixeira carecia do sagrado em meio ao mundo dos homens. Ele clamava por mais espiritualidade nos rumos do mundo moderno.

Voltou ao Brasil certo de que na filosofia deweyana estava contido um sucedâneo daquela transcendentalidade que ele reclamava em anos anteriores, porque não mais a encontrava no catolicismo e nas filosofias européias. Das novas vertentes filosóficas católicas já parecia certo que ele não havia conseguido extrair um sentido moderno de engajamento social.

Teixeira entendeu que o pragmatismo era uma filosofia peculiar, ao infundir um sentido transcendental à experiência, ao mesmo tempo em que concebia a razão como parte da imanência, ou seja, como parte intrínseca ao ser da experiência. O pragmatismo

deweyano, que Dewey preferia denominar “instrumentalismo”, era um chamamento à vida vivida como experiência, sobre a qual a inteligência tinha de operar para criar o futuro: única metafísica coetânea à modernidade.¹⁹

Em seus escritos, Teixeira não deixou qualquer registro de que tenha se dedicado à compreensão de sua pacificação em Dewey, e nem por que nele descobriu o profeta que lhe apontou a nova Jerusalém. Tivesse efetuado a arqueologia do terreno onde John Dewey edificou uma nova morada espiritual para os humanos, talvez tivesse compreendido os intrincados nexos entre os seus antigos referenciais europeus e católicos e os seus novos, norte-americanos e pragmatistas.²⁰

As primeiras iniciativas de colocar em circulação as idéias deweyanas no Brasil (entre 1928 e 1934) dão conta dos atos inaugurais de constituição da forma que Teixeira alimentaria nas suas sucessivas reescritas. De pronto, Dewey foi convertido a um só tempo em herdeiro da alta cultura ocidental e pensador único; síntese de todas as pedagogias progressas e marco primeiro de toda autêntica pedagogia nova²¹; “oráculo filosófico da democracia”, como dirá tempos depois.²²

De Dewey, Anísio Teixeira fixou a utopia redentora que resultara de uma síntese peculiar entre a teologia puritana e a ciência; ele vislumbrava uma comunidade urbana e industrial como um grupo de artesãos em torno de maquinarias sofisticadas. Nenhum truste, nenhum sindicato, nenhum poder interferindo coercitivamente sobre aquele contato. Apenas a ação educativa guiando aquela experiência vivida pelos artesãos, estimulando-os a tirar de dentro deles mesmos a arte que dominavam e que estaria, ao mesmo tempo, contida e superada na máquina por outras artes, e por mais outras artes que, sem rupturas traumáticas, se fizeram ciência e tecnologia. Para quem as viveu e as fez, a arte nelas contidas é sabida; para quem tem a propriedade das máquinas, essas artes não interessam mais e o tempo urge; para quem a elas chega apenas portando a arte da vida vivida, a ciência e a tecnologia se apresentam como negação de todas as artes.²³

Então, essa seria a tarefa educativa para cada criança que chegasse à vida, para cada professor que adentrasse a sala de aula; e para cada imigrante que aportasse nos Estados Unidos, para cada oriental que se tornasse ocidental. Para cada bárbaro que se tornasse civilizado. Que de dentro de cada um deles fossem extraídos os próprios controles, os próprios processos de adaptação psicofísica e os próprios ajustamentos mentais a um ambiente no qual estariam depositados os resultados de experiências da espécie inteligentemente selecionadas.²⁴

Por operações mentais determinadas, Anísio Teixeira fundiu John Dewey com Henry Ford; efetuou uma síntese entre o fordismo e a pedagogia pautada na experiência inteli-

gente. John Dewey-*Weltanschauung*, Henry Ford-organizador; como Cristo e São Paulo.²⁵

Em 1934, Anísio Teixeira publicou seu livro *Em marcha para a democracia*, de pequena circulação, no qual aquela síntese está patentemente expressa por meio da sua exposição sobre as grandezas “democráticas do industrialismo norte-americano”.²⁶

Essa exacerbação da imagem idílica dos Estados Unidos induziu Lourenço Filho, que se encontrava em Nova York, a cobrar de Teixeira mais realismo, pois as condições sociais e educacionais não iam, por lá, tão bem assim.²⁷ Ao que Teixeira lhe responde: “Dewey, Kilpatrick, Counts (...) são absolutamente revolucionários em plena América... É o tal pensamento de fronteira, que, em rigor, foi o pensamento que me absorveu no período em que estive nos Estados Unidos”.²⁸

A fusão efetuada entre Ford e Dewey indicia uma estratégia que Teixeira tendeu a adotar em face de estímulos conflitivos; para reduzir os conflitos implicados nas dissonâncias discursivas, Teixeira as acomodava ou dissolia.

Essa foi a operação adotada também em relação aos seus três mestres norte-americanos: Dewey, Counts e Kilpatrick. As cissuras políticas e teóricas entre Dewey e Counts não eram superficiais e foram publicamente expressas por eles; as críticas de Dewey aos esquematismos que Kilpatrick impingia ao pragmatismo para dele extrair fórmulas pedagógicas foram registradas em várias circunstâncias. Porém, Teixeira sempre os tratou como três vozes afinadas por um mesmo diapasão, diferenciadas apenas pelo alcance e projeção de seus respectivos nomes e obras.²⁹

Nos anos sessenta, Anísio Teixeira tornaria a mobilizar a mesma estratégia; dessa vez, em face de estímulos agudamente mais aflitivos.

Aquele não é mais o meu reino, mas ele continua o meu profeta

Entre 1960 e 1970, Anísio Teixeira manteve correspondência com George Counts, seu antigo professor do Teachers College da Columbia University.³⁰

As cartas de Teixeira registram impressões pungentes sobre o ambiente social e político brasileiro e o norte-americano; são sintomas de como, na fase final de vida, teria transitado da esperança quase integral na democracia norte-americana para o quase total pessimismo. Dá sinais de que teria declinado da sua antiga fé, quase inabalável, no futuro, em favor da nostalgia pelo passado – época em que entrara em contato com a sociedade norte-americana e, muito particularmente, com as idéias sociais e educacionais de John Dewey.

Quanto às cartas de George Counts, naqueles quase onze anos de correspondência, há poucas variações; repetem praticamente os mesmos assuntos, encadeados da mesma

maneira; são escritas monocórdicas; não traem oscilações de humor ou de ânimo.

Counts gravita em torno de assuntos familiares; volta, constantemente, à viagem de trabalho ao Brasil, em 1957, que lhe ensejara e à sua esposa convivência intensa com o casal Teixeira. Em duas oportunidades, datadas de 1961 e 1970, confessa ao amigo brasileiro o desejo de discutir as perspectivas do “*so-called human race*”. Nessas duas oportunidades não desenvolve o tema, mas sugere estar atento ao contraste entre o desenvolvimento tecnológico e às dificuldades dos homens de resolver seus problemas. Da primeira vez, fala indiretamente do crescente triunfalismo soviético, provavelmente decorrente da posição de vantagem da União Soviética na corrida espacial, sinalizada pelo lançamento do Sputnik, em 1957. Em 1970, admite que “*we have learned how to fly to the moon before we have learned how to live in peace and friendship on the earth*”. Em outra carta, do mesmo ano, manifesta sua preocupação com “*many of our policies and the condition of man today*”.³¹

São apenas essas as vezes em que Counts se refere a questões relativas às condições sociais ou políticas que os envolviam. Em contrapartida, as cartas de Anísio Teixeira denunciam humores alterados, estado de ânimo abalado, insatisfação e irritabilidade crescentes. Tão gentil quanto o amigo em assuntos pessoais e familiares, no entanto, Teixeira adota um estilo quase oposto no que tange a assuntos sociais e políticos, que se exacerba com o tempo.

Desde as cartas de 1961, Teixeira dá sinais de uma melancolia que seus escritos públicos e pessoais anteriores não haviam denunciado.³² Comentando a última vez que haviam se encontrado, em 1957, pergunta:

*Can we be new more optimistic or less? I do not know. “Intere[s]ting times” as the Chinese say are painful times. Since 1957, I have been in Europe, in Isreal, in the UStates, but only to know that problems everywhere are simply terrifying. Here, in Brazil, we are on the march ... But to where? The comfortable certainties of the nineteenth century are all gone ... We will have to plan the future ... but how, if we are not educated enough to plan.*³³

A primeira pergunta é, evidentemente, um artifício retórico. Teixeira diz não saber se estavam mais ou menos otimistas, mas na seqüência dá provas de estar menos otimista: por toda parte, só via problemas. No Brasil, as coisas estavam em marcha, só não sabia em que direção. Ele estava mais pessimista quanto ao futuro, não porque apostasse na “certeza do futuro”, mas porque “*we are not educated enough to plan*”.

Confrontando essa afirmação com escritos anteriores, é pertinente pensar que Teixeira estava cobrando do seu antigo mestre o que havia apreendido com ele e com outros

professores norte-americanos: pensar a modernidade como um tempo de incertezas que, por isso mesmo, exigia pessoas educadas para planejar o futuro, para administrar os riscos que lhe são inerentes.

Em 1963, Teixeira escreve outra carta, desta vez comentando a “*lecture*” que Counts lhe havia enviado, “Education and the Foundations of Human Freedom”. Agradece a Counts a grandeza daquele escrito, que despertara nele a condição de antigo discípulo. Porém, seus comentários ao texto denunciavam divergências recentes.

Teixeira parece pensar um mundo muito mais ameaçado e com horizontes mais sombrios. A luta pela “*highest form of government*” que Counts ainda defende lhe parece agora insuficiente, diante da ameaça de “desastre” que um mundo sem paz impõe a todos. Em seguida, emite algumas impressões resultantes de viagem recente aos Estados Unidos, que serão retomadas em cartas subseqüentes:

And will we march on for freedom or for some form of heavy and passive collective state of mind in our search not for liberty but for security?

As I believe you know, I spent last semester in the U.S. I was deeply impressed by the energy and force of American life. By the intensity of your passion for work. But there was a certain silence in the air; something I could not see clearly but only sense as heavier than lighter, as determinate but rather gloom.³⁴

“*Heavy and passive collective state of mind*” em lugar de “*freedom*”; “*security*” em lugar de “*liberty*”. Para Teixeira, o que havia percebido na mais recente visita aos Estados Unidos estaria passando despercebido a Counts? Teria o ex-professor se convertido em mais um membro da comunidade dos passivos?

Em carta de 1966, Teixeira envia ao amigo uma mensagem na qual o seu pessimismo e tristeza parecem agravados. Começa falando da família, dos filhos que estavam por perto e da filha, que estava exilada no Chile com o marido e três filhos; em seguida, dedica um longo parágrafo ao quadro nacional e internacional, que o assustava:

I am still at the Federal Council of Education, but feeling rather retired. Life in South America – not only in Brazil – is practically under military rule. The general tone is on repression and defense considered as security. As we are older than you, all little youth rest for life we still had is gone: there is a suspense feeling of waiting for the catastrophe ... the third world war! It is sad to see the sterile war game spirit coming from America. The most revolutionary Country, the Country of hope, turned warlike ...³⁵

À época, já eram abertas as notícias de que o governo norte-americano, suas forças armadas e seus serviços de inteligência haviam participado diretamente para a derrubada do governo brasileiro eleito, assim como estavam interferindo diretamente nos rumos das

políticas governamentais. As intervenções sobre outros países chamados sul-americanos também estavam em curso.

Teixeira e sua família sofriam na própria pele a perseguição ditatorial: ele havia perdido todos os cargos públicos; não podia manter atividade acadêmica regular e sua filha estava no exílio.

Nas cartas, Teixeira não fala explicitamente da Guerra Vietnã, mas não faz sentido excluí-la da afirmação “*the most revolucionary Country, the Country of hope, turned war-like*”. A escalada bélica havia ocorrido ao longo dos anos sessenta, e o mal-estar provocado pela intervenção violenta dos Estados Unidos no Vietnã já eclodia por toda parte.

Por outro lado, desde 1965, as cartas de Counts dão a saber que Anísio Teixeira estava trabalhando em um livro sobre “Brazilian and American cultures”. Counts pergunta reiteradamente ao amigo sobre o andamento daquele estudo das “duas culturas”, que estava aguardando com muita ansiedade.

Somente na carta de fevereiro de 1968 Teixeira responde às cobranças; nesse momento, exacerba o estilo que vinha adotando: dedica apenas algumas poucas frases iniciais e finais a assuntos de família; no mais, apresenta ao interlocutor duras e amargas impressões sobre a situação do Brasil e dos Estados Unidos. Mais do que isso, sugere uma certa irritação pelo fato de Counts dirigir-se a ele sem prestar contas das condições nacionais e internacionais em que se encontravam.

Since our Country re-entered its vocation for authoritarianism [sic] society we became even more isolated than before. It is not easy to suffer it and yet be able to go on with the philosophy of “I am all right, Jack”, for we are not at all right ..., and it is no use to try to communicate it.

My old idea of a book on Brazilian and American Cultures died. US have changed too much and now remind us too much of Europe and its Great Powers. Instead I decided to translate Tocqueville and have it in Portuguese. He anticipated in certain ways America of today under the oppression of the silent majority and still gives us the best picture of the great beginnings of democracy.

It is not pleasant to live in “opposition to the public opinion of the day” but this has been my lot. Also, yours. But now it looks a little harder. Is it not?³⁶

De novo, o “silêncio da maioria”, a que já havia feito referência em carta de 1963; desta vez, não como um sintoma conjuntural da sociedade norte-americana, mas como uma característica já antevista por Alex de Tocqueville em meados do século XIX.

Abandonara o projeto do livro sobre as duas culturas, no qual provavelmente reiteraria suas teses em favor das grandezas da tradição democrática norte-americana em contraposição às mazelas da tradição colonialista e autoritária da sociedade brasileira, ou,

como ele gostava de dizer, faria a contraposição entre a cultura norte-americana como “produto da inteligência aplicada à ação” e a cultura brasileira, feita de “valores proclamados e não realizados”.³⁷

A decisão de Teixeira de traduzir Tocqueville, naquele momento, parece ter sido guiada não tanto pelo fato de sua obra conter um dos melhores quadros daquela promissora democracia norte-americana da primeira parte do século XIX, mas especialmente por ter antecipado, de certo modo, os Estados Unidos dos anos sessenta, sob a opressão do silêncio da maioria.

Fechando a correspondência, Teixeira grafou sua última carta ao amigo, de julho de 1970, com o desencantamento do mundo e com a nostalgia de tempos melhores.

How much I would wish to be able to see you both. But the word is only a village for the spectacular, not for the individual sorrows and joys. In this aspect I believe that never have men been so lonely.

I keep reminding me of your “Dare the schools to create a new order?” Helas, other things have created a new world but not a new order. But as a soothsayer you were awake to the needs of the men. Now you are being asked “to accept”, acceptance is the new wisdom. So it was when God had made the world, but now that we know that men have made it, it is not easy. Anyway, it is worse than the “God’s” made world and to resign, to conform, to accept, is just the opposite of wisdom ... to come so long and so far just to repeat such old truths when there are no soothsayers but only computers asking us for “acceptance”...

*How great look our twenties! Who is now replacing Dewey, Counts, Kilpatrick?.*³⁸

Teixeira trata Counts de maneira extremamente dura: dirige-se ao seu ex-professor como se já estivesse morto, assim como Dewey e Kilpatrick.³⁹ Com o antigo Counts, Teixeira teria aprendido o sentido da “experiência nova” diante de um mundo, feito pelo homem, na ausência de Deus. Daquele Counts que lhe escrevia, chegava o estímulo para se “resignar”, tal como se pedia a um fiel que se resignasse aos designios divinos, ainda que Deus estivesse morto.

Os Estados Unidos estavam decepcionando Teixeira, e o ex-mestre George S. Counts, agora, também parece decepcioná-lo. “*US have changed too much*”, Teixeira havia dito em carta anterior; na última, sugere que o último sobrevivente dentre os três pensadores norte-americanos que havia adotado como mentores, desde os anos vinte, também “*has changed too much*”.

Anísio Teixeira não era um homem provinciano nem um incauto em assuntos políticos internacionais; era suficientemente bem preparado para distinguir entre um povo e

o seu governo. O que suas cartas parecem reclamar de Counts é o silêncio resignado de um homem que havia muitas décadas incluíra em sua pauta de ação o combate pela vida social mais democrática e justa.

Não casualmente, na última carta a Counts, Teixeira lança mão de um artifício retórico amargo para criticar diretamente o amigo e indiretamente a massa norte-americana silenciosa: “quem está substituindo Dewey, Counts, Kilpatrick?”. Cita os pensadores que lhe serviram de referência por quase toda a sua vida adulta; para Teixeira, eles eram os três maiores pensadores norte-americanos contemporâneos; mas agora estavam mortos e ninguém os estava substituindo.⁴⁰

Desligado de todos os cargos públicos que ocupava desde os anos cinquenta – direção da Capes e do Inep –, daqueles que assumira nos anos sessenta – reitoria da UnB, de cujo projeto original fora o principal mentor, bem como da representação junto ao Conselho Federal de Educação, Anísio Teixeira dedicou os últimos anos de vida à série editorial Cultura, Sociedade e Educação, que havia criado junto à Companhia Editora Nacional, traduzindo e editorando trabalhos por ele criteriosamente selecionados.

Dos quinze títulos que saíram publicados pela série, um é o de Alexis de Tocqueville, *Democracia na América* (1969), do qual consta como revisor da tradução; dois outros são de John Dewey: *Liberalismo, liberdade e cultura* (1970) e *Experiência e educação* (1971), dos quais consta como tradutor.

Assim, sua identificação com a filosofia política e educacional deweyana não teria sido abalada pela decepção que agora lhe provocavam os rumos políticos dos Estados Unidos. Se assim foi, a decisão de traduzir e publicar, no mesmo lapso de tempo, Tocqueville de *Democracia na América*, ao que parece, não se deveu a qualquer espécie de incerteza quanto à potência do pensamento deweyano para o combate aos “autoritarismos”, o “tradicional” brasileiro e o “recente” norte-americano.

Alinhando-os na mesma série editorial, Tocqueville e Dewey, por meio de escritos diretamente referidos ao tema da democracia, especialmente da “democracia na América”, lançando-os em um curto espaço de tempo, Teixeira pretendeu fixar um nexos entre eles, perfilando-os na mesma linhagem de pensamento social e político, representando a ambos como portadores da mesma “fé democrática” e parceiros da mesma perspectiva da “América” como a pátria par excellence da democracia.

Na sua apresentação a *Liberalismo, liberdade e cultura*, a direção de leitura que Anísio Teixeira pretende imprimir ao leitor potencial, daquele livro e dos demais que compunham a mesma série, está bem expressa; Teixeira insiste no sentido de “credo” e de “fé” necessários à edificação da democracia, que teria em Dewey a sua mais acabada expressão. Diz ele, ao término da apresentação:

É para um programa dessa ordem que nos convida John Dewey, com a sua palavra oracular de filósofo da democracia. Jefferson foi, em nossos tempos, o fundador inicial da fé democrática. John Dewey é o seu consolidador para os difíceis tempos de hoje.⁴¹

Os cuidados de Anísio Teixeira com os títulos foram especiais: *Democracia na América* havia sido publicado há pouco, em 1962, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte. Teixeira encomendou uma tradução nova, cuja revisão ficou a seus cuidados, escolheu, no entanto, como base na edição original, mas a que havia sido “condensada” por Richard D. Heffner “para o leitor moderno”.

No caso de *Liberalismo, liberdade e cultura*, Teixeira reuniu dois textos de Dewey, originalmente publicados em 1935 e em 1939, respectivamente *Liberalism and Social Action* e *Freedom and Culture*; cuidou pessoalmente da tradução de ambos, sendo que, somente o segundo havia sido publicado no Brasil, em 1953, com o título de *Liberdade e cultura*.

É a junção desses dois textos de Dewey, originalmente independentes, que faculta a Teixeira fixar a conexão direta com a obra de Tocqueville. Com os três, Teixeira reúne um conjunto de argumentos convergentes quanto ao fracasso do liberalismo europeu em produzir a democracia – ao ter restado circunscrito aos âmbitos econômico e político –, do que decorreria da constante intranquilidade social da Europa, quer pela pressão das classes subordinadas, quer pelo autoritarismo dos governantes. Em contrapartida, argumentos em favor do sucesso dos Estados Unidos na realização da democracia e da pacificação dos interesses sociais, por força da (re)criação do liberalismo, que teria ganhado um sentido plenamente original pela inclusão dos problemas sociais em sua pauta.

John Dewey se referiu a Alexis de Tocqueville apenas em um escrito, tornado público em 1927, e em uma breve carta de 1936.⁴²

A carta não exige maiores considerações; são três linhas para agradecer ao seu destinatário, que lhe teria devolvido o artigo que escrevera sobre Tocqueville, e para lamentar a demora em ser informado sobre o cancelamento de sua publicação.⁴³

A carta do seu interlocutor, no entanto, é bastante curiosa, porque se refere ao artigo que havia anos Dewey teria escrito sobre Tocqueville, para publicação na França, cujo manuscrito estava devolvendo junto à carta, com muitos pedidos de desculpa; turbulências no Ministério da Educação francês teriam resultado na demissão da pessoa que lhe encomendara o artigo, o que tornava inviável a publicação do volume ao qual se destinava.⁴⁴

Episódio raríssimo na trajetória intelectual de Dewey, esse manuscrito não foi até hoje localizado.⁴⁵ Seus escritos anteriores e posteriores não dão pistas dos estudos que teria feito sobre a obra de Tocqueville.

Apenas no livro de 1927, *The public and its problems, an essay in political inquiry*, e somente por uma única vez, Dewey refere-se a Tocqueville, comentando a pesquisa de opinião (*survey*) por ele realizada nos Estados Unidos:

*This fact is the great asset on the side of the political ledger. De Tocqueville wrote it down almost a century ago in his survey of the prospects of democracy in the United States. Accusing a democracy of a tendency to prefer mediocrity in its elected rulers, and admitting its exposure to gusts of passion and its openness to folly, he pointed out in effect that popular government is educative as other modes of political regulation are not.*⁴⁶

Nos dois ensaios reunidos em *Liberalismo, liberdade e cultura*, integralmente dedicados aos temas do liberalismo e da democracia, Jonh Dewey adjudica a Thomas Jefferson a primeira iniciativa de relização de um governo democrático; como antecessores, cita grandes nomes europeus, mas apenas ideólogos da democracia.⁴⁷

Datados de 1935 e 1937, curiosamente, os dois ensaios não fazem sequer alusão a Tocqueville, sobre quem Dewey teria escrito alguns anos antes.

John Dewey, seguramente, tinha, ao menos, noção da extensa e profunda presença de Alexis de Tocqueville, destacadamente por sua obra *Democracia na América*, entre intelectuais, políticos, homens da imprensa, ou seja, sobre os formadores de opinião norte-americanos. Desde a publicação das duas partes do seu relatório sobre os Estados Unidos (lançados em francês entre 1835 e 1840), Tocqueville jamais deixou de ocupar o primeiro lugar da lista de nomes estrangeiros dados como responsáveis pela edificação da crença do “excepcionalismo”, para uso dos próprios norte-americanos.⁴⁸ Nos ambientes acadêmicos pelos quais Dewey circulou desde os anos setenta do século XX, somente os presságios de Hegel, datados de 1830-1831, de que o sol que havia iluminado a civilização européia estava se deslocando para a parte Norte da América,⁴⁹ haviam partilhado as atenções com os prognósticos de Tocqueville.⁵⁰

De 1835, ano da primeira edição da obra em inglês, até 1952, ano da morte de Dewey, foram publicadas ou circularam por aquele país no mínimo 51 novas edições da obra em inglês; até, 1969, ano da publicação no Brasil pela Companhia Editora Nacional, no mínimo 74 novas edições haviam sido lançadas.⁵¹

À disposição do público leitor, nas bibliotecas públicas norte-americanas há aproximadamente 4.700 volumes, de edições em inglês datadas de 1835 a 1952; datadas até 1969, são aproximadamente 9.700.

Quantos ao ensaio *Liberalism and Social Action*, até o ano da morte de John Dewey consta apenas a primeira edição de 1935; até 1970, quando foi publicado no Brasil, pela

Companhia Editora Nacional, mais uma edição foi lançada. O outro ensaio, *Freedom and Culture*, foi editado cinco vezes entre 1939 e 1952. Até 1970, mais uma edição foi lançada em 1964.

Teria Anísio Teixeira se interrogado por que razões Dewey expressara quase total indiferença em relação a Tocqueville?

Com base no que se dispõe, a resposta cabível é negativa.

John Dewey resultou, para Anísio Teixeira, uma representação da democracia, da educação, da cultura norte-americana, infensa às contaminações da história daquele próprio país. Como tal, funcionou como profeta da democracia, para toda e qualquer sociedade.

Recebido em fevereiro/2006; aprovado em maio/2006.

Notas

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, PUC-SP.

**Agradeço, de modo muito especial, a Kazumi Munakata, que me alertou para a correspondência dos anos sessenta entre Anísio Teixeira e George Counts.

¹ Anísio Teixeira assumiu a Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado da Bahia em 1924 e permaneceu no cargo até 1928.

² Trata-se de BUYSE, Omer, *Méthodes Américaines d'Éducation Générale et Technique*. Charleroi, Etablissement Litho de Charleroi, 1908. Anísio Teixeira mandou traduzir e publicar uma pequena parte desse livro para distribuí-lo entre todos os professores das escolas baianas.

³ Cf. TEIXEIRA, A. *Diário de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan América, 1927.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

¹⁴ Cf. GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*, v. 4. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sergio Henriques. Rio

de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. Ver também WARDE, M. J. “John Dewey through Anísio Teixeira: or Reenchantment of the World”. In: POPKEWITZ, T. (ed.). *Inventing the Modern Self and John Dewey: Modernities and the Traveling of Pragmatism in Education*. Chennia, Palgrave 2005.

¹⁵ Cf. TEIXEIRA, A. *Aspectos americanos de educação. Relatório apresentado ao Governo do estado da Bahia pelo Director Geral de Instrução, Comissionado em estudos na América do Norte*. Salvador, Instrução Publica do Estado da Bahia, 1928.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid. Ver ainda TEIXEIRA, *Documentação acadêmica de Anísio Teixeira do período em que permaneceu em estudos no Teachers College da Universidade de Columbia*. Nova York, Teachers College, Columbia University, 1928-1929a. Cf. WARDE, *Estudantes Brasileiros no Teachers College da Universidade de Columbia: do aprendizado da comparação*. II Congresso Brasileiro de História da Educação, CD-Rom, 2002.

¹⁸ Cf. TEIXEIRA, *Caderno de aula de Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1928-1929b.

¹⁹ Cf. TEIXEIRA, *Em marcha para a democracia. À margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1934.

²⁰ Cf. TEIXEIRA, A. *Diário de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan América, 1927. “Nova Jerusalém” e “nova morada espiritual” são metáforas à “comunidade” para a qual Dewey pleiteava a restauração, posto que estava sendo atacada pela industrialização, pela ciência, pela tecnologia e pela urbanização. Cf. DEWEY, J. *Vida e educação*. Trad. e Introd. de Anísio Teixeira. São Paulo, Melhoramentos, 1930; Letter 1936.01.16 (04077). “John Dewey to Frank D. Fackenthal”. In: *The Correspondence of John Dewey 1871-1952. The Correspondence of John Dewey*, v. 2, 1919-1939. Carbondale, The Center for Dewey Studies, Southern Illinois University Press, 1936; *Liberalismo, liberdade e cultura*. Tradu. Anísio Teixeira. São Paulo, Nacional, 1970. Veja também BERNSTEIN, R. J. “Community in the Pragmatic Tradition”. In: DICKSTEIN, M. (ed.). *The Revival of Pragmatism. New Essays on Social Thought, Law, and Culture*. Durham, Duke University Press, 1998. Ver ainda KUKLICK, B. *The Rise of American Philosophy*. Cambridge, Massachusetts, 1860-1930. New Haven, Yale University Press, 1977. Teixeira foi definitivamente conquistado pela idéia deweyana de “comunidade” entendendo que essa era a forma efetiva de organização da sociedade norte-americana e que deveria ser adotada no Brasil. Cf. TEIXEIRA, *Em marcha para a democracia. À margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1934.

²¹ TEIXEIRA, *Aspectos americanos de educação*, op. cit.

²² Id. “Democracia como forma humana de vida”. In: DEWEY, *Liberalismo, liberdade e cultura*. São Paulo, Editora Nacional, 1970.

²³ Cf. DEWEY, J. “Interests and Effort in Education”. In: DEWEY, J. *The Collected works of John Dewey 1882-1953. The Middle Works of John Dewey, 1899-1924*, v. 7, 1912-1914. Carbondale, Southern Illinois University Press, 1913. Ver FEFER, A. *Between Head and Hand: Chicago Pragmatism and Social Reform, 1886 to 1919*. Pennsylvania, University of Pennsylvania. Doctoral dissertation, 1987. Ver ainda WARDE, “John Dewey through Anísio Teixeira: or Reenchantment of the World”, op. cit.

²⁴ Cf. WARDE, “John Dewey through Anísio Teixeira: or Reenchantment of the World”, op. cit.

²⁵ Cf. DEWEY, *Experiência e educação*. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo, Nacional, 1971. Ver também GRAMSCI, op. cit.

²⁶ Cf. TEIXEIRA, *Em marcha para a democracia. À margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1934.

²⁷ Cf. LOURENÇO, M. B. *Cartas a Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV (AT.2911.01), 1935.

²⁸ Cf. TEIXEIRA, *Correspondência de Anísio Teixeira a Lourenço Filho*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV (LF. 30/31.05.15), 1935.

²⁹ Dentre as diferenças e divergências entre eles, interessa salientar aqui aquelas que ficaram claramente patenteadas entre Dewey e Counts, entre os anos vinte e trinta, quando estiveram juntos na Universidade de Columbia e na liderança de movimentos progressivistas. Naquele período, Counts mantinha diálogo com o Partido Comunista Americano, bem como relações acadêmica e de intercâmbio com a URSS. Cf. ROMANISH, B. A. *An Historical Analysis of the Educational Ideas and Career of George S. Counts*. The Pennsylvania State University, doctoral dissertation, 1980. Em contrapartida, é o período em que Dewey patenteia a sua distância e divergência do marxismo-lenismo e da via revolucionária comunista, reafirmando sua concordância com a via socialista. Cf. DEWEY, “Liberalism and Social Action”. In: *The Collected works of John Dewey 1882-1953. The Later Works of John Dewey, 1925-1953*, v. 1, 1935-1937. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1935a; Letter 1935.12.26 (04076). Frank D. Fackenthal to John Dewey. In: *The Correspondence of John Dewey 1871-1952. The Correspondence of John Dewey*, v. 2, 1919-1939. Carbondale, The Center for Dewey Studies, Southern Illinois University Press, 1935b. Ver também ROMANISH, op. cit.

³⁰ A correspondência de Anísio Teixeira e George Counts encontra-se depositada no CPDOC da FGV, Rio de Janeiro. São 14 cartas de 1960 a 1970. Cf. TEIXEIRA, *Correspondência ativa e passiva entre Anísio Teixeira e George S. Counts*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV (ATc 1960.07.01), 1960-1970.

³¹ Cf. TEIXEIRA, *Correspondência ativa e passiva entre Anísio Teixeira e George S. Counts*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV (ATc 1960.07.01), 1960-1970.

³² Não ignoro o texto inacabado...

³³ Cf. TEIXEIRA, *Correspondência ativa e passiva entre Anísio Teixeira e George S. Counts*, op. cit.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

³⁹ John Dewey (1859-1952); William Heard (1871-1965).

⁴⁰ Cf. TEIXEIRA, *Correspondência ativa e passiva entre Anísio Teixeira e George S. Counts*, op. cit.

⁴¹ Ibid.

⁴² Essa informação está pautada no levantamento efetuado na edição eletrônica das obras completas de 1882-1953, assim como na versão eletrônica da correspondência de John Dewey do período de 1971-1952, referidas neste artigo.

⁴³ Cf. DEWEY, Letter 1936.01.16 (04077). “John Dewey to Frank D. Fackenthal”. In: DEWEY, J. *The Correspondence of John Dewey 1871-1952. The Correspondence of John Dewey*, v. 2, 1919-1939. Carbondale, The Center for Dewey Studies, Southern Illinois University Press, 1936.

⁴⁴ DEWEY, “Liberalism and Social Action”, op. cit.; Letter 1935.12.26 (04076), op. cit.

⁴⁵ Essa informação é do editor da versão eletrônica da correspondência de John Dewey, utilizada neste artigo.

⁴⁶ Cf. DEWEY, “The Public and Its Problems. An Essay in Political Inquiry”. In: *The Collected works of*

John Dewey 1882-1953. The Collected works of John Dewey 1882-1953. The Later Works of John Dewey, 1925-1953, v. 2. Carbondale, Southern Illinois University Press, 1927.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Cf., dentre outros, LIPSET, S. M. *American Exceptionalism: a double-edged sword*. Novs York, W. W. Norton, 1996.

⁴⁹ Cf. HEGEL, G. W. F. *Introduction to the Philosophy of History*. Indianapolis, Hackett Publishing Co, 1988.

⁵⁰ Cf. AMOS, S. K. *Alexis de Tocqueville and the American National Identity. The Reception of de la Démocratie en Amérique in the United States in the Nineteenth Century*. Frankfurt am Main, Peter Lang, 1995. Ver também COOK, W. *Tocqueville and the American Experiment*. Chantilly, Va. Teaching Co, 2004.

⁵¹ Esses dados foram obtidos por meio do sistema de busca nos catálogos *on-line* das bibliotecas públicas norte-americanas. São dados aproximados, baseados nas edições que constam daqueles catálogos; ou seja, edições que não estão depositadas ou registradas naquelas bibliotecas não foram incluídas, bem como todas as reedições em inglês; não foram computadas, também, para fins deste artigo, todos os registros de edições de *Democracia na América*, em francês e outras línguas além do inglês.